

# A relação entre o prólogo de Jo 1,1-18 e o prólogo de 1Jo 1,1-4

*The relationship between the prologue of Jo 1,1-18  
and the prologue of 1Jo 1,1-4*

Waldecir Gonzaga  
Adalberto do Carmo Telles

## Resumo

O presente artigo pretende apresentar e analisar a relação entre o prólogo de Jo 1,1-18 e o prólogo de 1Jo 1,1-4. No corpo dos dois textos podem ser vistas as semelhanças entre eles através de termos e palavras usadas pelo autor joanino que oferecem base à tese de que ambos os textos tinham um objetivo comum, o de apresentar o *Logos* encarnado, aquele que era “no princípio” e “desde o princípio” (Jo 1,1; 1Jo 1,1). Com o auxílio de alguns passos do Método Histórico-Crítico, consegue-se analisar os textos em questão, suas traduções, estruturas e crítica textual. Além da introdução e conclusão, o artigo está desenvolvido em quatro partes: a primeira trata da tradução e segmentação de Jo 1,1-18 e 1Jo 1,1-4; a segunda consiste da crítica textual de ambos os textos; a terceira analisa a estrutura e gênero literário; e a quarta examina a relação entre o prólogo de Jo 1,1-18 e o prólogo de 1Jo 1,1-4.

**Palavras-chave:** João. Escritos joaninos. Prólogo. Logos. Princípio.

## Abstract

The present article intends to present and analyze the relationship between the prologue of Jo 1,1-18 with the prologue of 1Jo 1,1-4. In the body of the two texts, the similarities between them can be seen through terms and words used by the Johannine author that support the thesis that both texts had a common objective, that of presenting the *Logos* incarnate, the one who was “in the beginning” and “from the beginning” (Jo 1,1; 1Jo 1,1). With the help of some steps of the Historical-Critical Method, it is possible to analyze the texts in question, their translations, structures, and textual criticism. In addition to the introduction and conclusion, the article is divided into four parts: the first deals with the translation and segmentation of Jo 1,1-18 and 1Jo 1,1-4; the second consists of textual criticism of both texts; the third analyzes the structure and literary genre; and

the fourth examines the relationship between the prologue of John 1,1-18 and the prologue of 1Jo 1,1-4.

**Keywords:** John. Johannine writings. Prologue. Logos. Principle.

## Introdução

Os escritos joaninos são compostos pelos textos que levam o nome de João, que lhe são atribuídos. O Evangelho de João, as três cartas e o Apocalipse fazem parte do cânon do Novo Testamento e podem ser classificados como “*corpus joanino*”, um dos vários *corpora* que compõem o texto neotestamentário.<sup>1</sup>

As três cartas joaninas teriam dois autores possíveis e diferentes, enquanto a redação dos textos finais: a primeira carta teria sido escrita por João, o apóstolo; a segunda e a terceira cartas de João teriam sido escritas por João, o presbítero.<sup>2</sup> É evidente que a tradição antiga é a responsável por colocar em destaque o nome do apóstolo João como o autor dos escritos joaninos. Todavia, não temos nesses escritos, uma marca autoral que denomine João, o apóstolo e evangelista, como sendo autor.<sup>3</sup> Aliás, este é um fenômeno comum em vários escritos do AT e do NT, não sendo possível determinar seus autores com exatidão e certeza.

Há uma peculiaridade entre as três cartas joaninas no que diz respeito à linguagem e estilo. Além disso, existe uma relação similar entre o Evangelho de João e a Primeira Carta de João. As semelhanças podem ser vistas a partir da linguagem, do estilo e do pensamento contido nestes escritos neotestamentários.<sup>4</sup> Um dos exemplos para demonstrar as similaridades de ideias é encontrado na expressão “*ἐν ἀρχῇ ἦν/era no princípio*”, do prólogo de Jo 1,1-18, e “*ἦν ἀπ’ ἀρχῆς/era desde o princípio*”, do prólogo de 1Jo 1,1-4.<sup>5</sup>

Alguns aspectos do prólogo do IV Evangelho não aparecem em 1Jo 1,1-4. Por exemplo, não há menção a João Batista (Jo 1,6-8.15); não aparece o tema da luz (Jo 1,4-5.9); não há a temática da rejeição de Jesus pelo seu povo (Jo 1,11); sequer os temas “se tornaram filhos de Deus” (Jo 1,12), e “nasceram de Deus” (Jo 1,13) são encontrados em 1Jo 1,1-4; também não há o enunciado de que ninguém viu Deus (Jo 1,18).<sup>6</sup> Por outro lado, os dois prólogos (Jo 1,1-18 e 1Jo 1,1-4) têm várias coisas em comum, como é o caso do vocabulário e o estilo, além de termos como o *Logos*, o Pai, a eternidade etc., visto que o Filho existe desde sempre no seio do Pai e ele é a “vida eterna”.<sup>7</sup> Outro dado interessante é que os dois prólogos joaninos trazem as ideias fundamentais e essenciais de seus textos,

<sup>1</sup> GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento, p. 682.

<sup>2</sup> GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento, p. 681-704.

<sup>3</sup> GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento, p. 683; BOOR, W. Evangelho de João I, p. 15.

<sup>4</sup> BLANEY, H. J. S., A primeira Epístola de João, p. 287.

<sup>5</sup> VIELHAUER, P., História da Literatura Cristã Primitiva, p. 496.

<sup>6</sup> SMITH, D. M., First, Second, and Third John, p. 38.

<sup>7</sup> FEUILLET, A., Le prologue du quatrième évangile, p. 33.

ou seja, daquilo que o autor vai desenvolver ao longo do Evangelho e da Primeira Carta de João.<sup>8</sup> Sem sombra de dúvidas, se não os dois prólogos, pelo menos o prólogo do Evangelho de João é um dos textos mais estudados do NT e não obstante “permanece um enigma”.<sup>9</sup> Isso já justifica um estudo como este, que tem como escopo ver aspectos comuns entre ambos, a partir de uma relação entre os dois prólogos joaninos.

Ao que parece, o propósito principal do Evangelista João e da Primeira Carta podem ser duplos: o primeiro é o de testificar e confirmar na fé de seus ouvintes/leitores em Cristo Jesus, e o segundo é levar a todos homens e mulheres a terem fé em Jesus. Este duplo propósito está enfatizado em Jo 20,31: “Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome”, e 1Jo 5,13: “Estas coisas escrevi a vós para que saibais que tendes a vida eterna, aos que credes no nome do Filho de Deus”.<sup>10</sup> A metodologia utilizada para desenvolver este trabalho conta com o emprego de algumas etapas do Método Histórico-Crítico, que nos permite observar alguns pontos nos textos em análise: crítica textual, tradução e estrutura.

## 1. Os textos de Jo 1,1-18 e 1Jo 1,1-4 em grego e suas traduções

Neste tópico, apresentamos os textos em língua grega das perícopes de Jo 1,1-18 e de 1Jo 1,1-4, a partir do Novo Testamento grego de NA28,<sup>11</sup> bem como uma nossa tradução. Optamos por não fazer a segmentação das duas perícopes devido ao objetivo do trabalho, que é o de oferecer os textos para uma leitura de interface entre os dois prólogos joaninos, para conseguirmos enxergar a relação entre eles, seja no grego, seja na tradução portuguesa, como temos a seguir. Outra opção é a de não traduzir o termo λόγος mas apenas transliterá-lo para os caracteres latinos, *Logos*, deixando-o em itálico. Também realçamos alguns termos nos dois quadros com a finalidade de indicar elementos importantes nos mesmos, comuns ou não. Já na tradução dos dois prólogos joaninos, como afirma Feuillet: “A gente já constata aqui o que é uma das grandes características do *Logos* joanino: a fusão nele das duas tradições veterotestamentárias sobre a Palavra e a Sabedoria”.<sup>12</sup>

### Prólogo do Evangelho de João 1,1-18

<sup>1</sup> Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος.  
<sup>2</sup> οὗτος ἦν ἐν ἀρχῇ πρὸς τὸν θεόν.

<sup>1</sup> No princípio era o *LOGOS*,<sup>13</sup> e o *LOGOS* estava junto a *Deus*, e o *LOGOS* era *Deus*.

<sup>8</sup> SCHNACKENBURG, R., Cartas de San Juan, p. 91.

<sup>9</sup> BARTOLOMÉ, J. J., Cuarto Evangelio. Cartas de Juan, p. 151.

<sup>10</sup> BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 21-22; DERICKSON, G. W., What is the message of 1 John? p. 91.

<sup>11</sup> NESTLE-ALAND, Novum Testamentum Graece. Ed. XXVIII (2012).

<sup>12</sup> FEUILLET, A., Le prologue du quatrième évangile, p. 32.

<sup>13</sup> DEBRUNNER, A., λόγος, p. 74. A palavra λόγος significa “palavra, verbo e discurso”, mas aqui em nossa tradução, optamos em transliterar o termo λόγος com um objetivo estilístico: *Logos*.

<sup>3</sup> πάντα δι' αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ χωρὶς αὐτοῦ ἐγένετο οὐδὲ ἓν. ὃ γέγονεν

<sup>4</sup> ἐν αὐτῷ ζωὴ ἦν, καὶ ἡ ζωὴ ἦν τὸ φῶς τῶν ἀνθρώπων·

<sup>5</sup> καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει, καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν.

<sup>6</sup> Ἐγένετο ἄνθρωπος, ἀπεσταλμένος παρὰ θεοῦ, ὄνομα αὐτῷ Ἰωάννης·

<sup>7</sup> οὗτος ἦλθεν εἰς μαρτυρίαν ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός, ἵνα πάντες πιστεύσωσιν δι' αὐτοῦ.

<sup>8</sup> οὐκ ἦν ἐκεῖνος τὸ φῶς, ἀλλ' ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός.

<sup>9</sup> Ἦν τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν, ὃ φωτίζει πάντα ἄνθρωπον, ἐρχόμενον εἰς τὸν κόσμον.

<sup>10</sup> ἐν τῷ κόσμῳ ἦν, καὶ ὁ κόσμος δι' αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ ὁ κόσμος αὐτὸν οὐκ ἔγνω.

<sup>11</sup> εἰς τὰ ἴδια ἦλθεν, καὶ οἱ ἴδιοι αὐτὸν οὐ παρέλαβον.

<sup>12</sup> ὅσοι δὲ ἔλαβον αὐτόν, ἔδωκεν αὐτοῖς ἐξουσίαν τέκνα θεοῦ γενέσθαι, τοῖς πιστεύουσιν εἰς τὸ ὄνομα αὐτοῦ,

<sup>13</sup> οἱ οὐκ ἐξ αἱμάτων οὐδὲ ἐκ θελήματος σαρκὸς οὐδὲ ἐκ θελήματος ἀνδρὸς ἀλλ' ἐκ θεοῦ ἐγεννήθησαν.

<sup>14</sup> Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν, καὶ ἐθεασάμεθα τὴν δόξαν αὐτοῦ, δόξαν ὡς μονογενοῦς παρὰ πατρός, πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας.

<sup>15</sup> Ἰωάννης μαρτυρεῖ περὶ αὐτοῦ καὶ κέκραγεν λέγων· οὗτος ἦν ὃν εἶπον· ὁ ὀπίσω μου ἐρχόμενος ἔμπροσθέν μου γέγονεν, ὅτι πρῶτός μου ἦν.

<sup>16</sup> ὅτι ἐκ τοῦ πληρώματος αὐτοῦ ἡμεῖς πάντες ἐλάβομεν καὶ χάριν ἀντὶ χάριτος·

<sup>17</sup> ὅτι ὁ νόμος διὰ Μωϋσέως ἐδόθη, ἡ χάρις καὶ ἡ ἀλήθεια διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ ἐγένετο.

<sup>18</sup> Θεὸν οὐδεὶς ἑώρακεν πώποτε· μονογενὴς θεὸς ὁ ὢν εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς ἐκεῖνος ἐξηγήσατο.

<sup>2</sup> Ele estava no princípio, junto a Deus.

<sup>3</sup> Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nenhuma só coisa foi feita. O que foi feito.

<sup>4</sup> Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens;

<sup>5</sup> e a luz brilha na escuridão, e a escuridão não a venceu.

<sup>6</sup> Houve um homem enviado da parte de Deus, cujo nome era João;

<sup>7</sup> ele veio para testemunhar, para que testemunhasse sobre a luz, para que todos cressem por meio dele.

<sup>8</sup> Aquele não era a luz, mas para que testemunhasse a respeito da luz;

<sup>9</sup> era a luz verdadeira, a qual ilumina todo homem, que veio ao MUNDO.

<sup>10</sup> Estava no MUNDO, e o MUNDO por meio dele foi feito, e o MUNDO não o conheceu.

<sup>11</sup> Veio para as próprias coisas, e os seus não o receberam.

<sup>12</sup> Mas todos que o receberam, deu-lhes autoridade de se tornarem filhos de Deus, aos que creem no seu nome,

<sup>13</sup> os não de sangue nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus foram gerados.

<sup>14</sup> E o LOGOS se fez carne e morou entre nós, e contemplamos a sua glória, glória como unigênito do Pai, pleno de graça e de verdade.

<sup>15</sup> João testemunha a seu respeito e proclama dizendo: “ele é o de quem eu disse: aquele que é depois de mim, passou a minha frente, porque era antes de mim”.

<sup>16</sup> Porque todos nós recebemos de sua plenitude e graça sobre graça;

<sup>17</sup> porque a lei foi dada por meio de Moisés, a graça e a verdade vieram a ser por meio de Jesus Cristo.

<sup>18</sup> A Deus, ninguém nunca viu, o Deus unigênito, o que está no seio do Pai, aquele o revelou.

Prólogo da Primeira carta de João 1,1-4

<sup>1</sup> Ὁ ἦν ἀπ' ἀρχῆς, ὃ ἀκηκόαμεν, ὃ ἐωράκαμεν τοῖς ὀφθαλμοῖς ἡμῶν, ὃ ἔθεασάμεθα καὶ αἱ χεῖρες ἡμῶν ἐψηλάφησαν περὶ τοῦ λόγου τῆς ζωῆς-  
<sup>2</sup> καὶ ἡ ζωὴ ἐφανερώθη, καὶ ἐωράκαμεν καὶ μαρτυροῦμεν καὶ ἀπαγγέλλομεν ὑμῖν τὴν ζωὴν τὴν αἰώνιον ἣτις ἦν πρὸς τὸν πατέρα καὶ ἐφανερώθη ἡμῖν-  
<sup>3</sup> ὃ ἐωράκαμεν καὶ ἀκηκόαμεν, ἀπαγγέλλομεν καὶ ὑμῖν, ἵνα καὶ ὑμεῖς κοινωνίαν ἔχητε μεθ' ἡμῶν. καὶ ἡ κοινωνία δὲ ἡ ἡμετέρα μετὰ τοῦ πατρὸς καὶ μετὰ τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ Ἰησοῦ Χριστοῦ.  
<sup>4</sup> καὶ ταῦτα γράφομεν ἡμεῖς, ἵνα ἡ χαρὰ ἡμῶν ἧ πεπληρωμένη.

<sup>1</sup> O que era desde o princípio, o que OUVIMOS, o que VIMOS com os nossos olhos, o que CONTEMPLAMOS e as nossas mãos tocaram acerca do **LOGOS da vida**

<sup>2</sup> e a vida **foi manifestada**, e VIMOS e TESTEMUNHAMOS e vos ANUNCIAMOS a **Vida Eterna**, a que estava voltada para o **Pai** e **foi manifestada** a nós.

<sup>3</sup> O que VIMOS e OUVIMOS, ANUNCIAMOS também a vós, a fim de que estejais sempre em comunhão conosco. E a nossa comunhão, porém, **é com o Pai e com o seu Filho, Jesus Cristo**.

<sup>4</sup> E estas coisas, nós escrevemos, a fim de que a nossa alegria seja completa.

## 2. Crítica textual de Jo 1,1-18 e de 1Jo 1,1-4

A *crítica textus*<sup>14</sup> se concentra nos textos de Jo 1,1-18 e de 1Jo 1,1-4, sempre a partir do aparato crítico do texto bíblico de NA<sup>28</sup>. Os referidos textos apresentam algumas variantes que merecem ser observadas e analisadas. No desenvolver desse passo, indica-se a citação do versículo que se compreende de relevância para a análise em vista deste artigo, tendo uma única variante ou mais que uma.

### 2.1. Crítica textual de Jo 1,1-18

O v.3 apresenta a substituição, em parte da tradição, do termo grego “οὐδὲν/*nada*”, testemunhado pelo papiro ρ<sup>66</sup>, pelos manuscritos maiúsculos **ℵ\*** (texto original do manuscrito), D, por f<sup>1</sup> (família de minúsculos 1), por Cl<sup>exThd</sup> (Clemente, conforme Teódoto). A leitura do grego “οὐδὲ ἔν/*nenhuma só coisa*” é mais forte do que “οὐδὲν/*nada*”, somando a isto, supõe-se que os demais papiros e os mais importantes manuscritos dão apoio à variante assumida pela NA<sup>28</sup>, baseando-se no critério da crítica interna de que “a leitura mais difícil é a preferida” (*lectio difficillima*).<sup>15</sup> Sendo assim,

<sup>14</sup> SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 29-30.

<sup>15</sup> GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71.

concordamos que o texto grego apresentado na edição de NA<sup>28</sup> é o que mais se aproxima de um possível texto original.

O v.3 apresenta uma possibilidade de mudança de pontuação, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos  $\aleph^c$  (com uma correção efetuada pelo autor primário ou por autor posterior), K, Γ, Ψ, 050<sup>c</sup> (com uma correção efetuada pelo autor primário ou por autor posterior), palas famílias de minúsculos f<sup>1.13</sup>, pelos minúsculos 33, 565, 579, 700, 892, 1241, 1424, pelo lecionário l 844, pelo  $\aleph$  (Texto Majoritário), pela versão sy<sup>p,h</sup> (versões Siríaca Peshitta e Heracleana) e pela versão bo (copta boáirica). O texto de NA<sup>28</sup> (txt) preserva a estrutura da frase sem a modificação da pontuação, testemunhado pelo papiro  $\phi^{75c}$  (com uma correção efetuada pelo autor primário ou por autor posterior), pelos maiúsculos C, D, L, W<sup>s</sup> (leituras acrescidas secundariamente a um manuscrito), 050\* (texto original do manuscrito), pelo lecionário l 2211, por b (manuscritos latinos isolados), pela Vulgata vg<sup>s</sup> (edição sixtina), sy<sup>c</sup> (versão siríaca curetoniana), sa (versão copta saídica), por Ptol<sup>lr</sup> (Ptolomeu, segundo Irineu), Thoph (Teófilo de Alexandria), Ir<sup>lat</sup> (Irineu, tradução latina), Tert (Tertuliano), Cl (Clemente), Cl<sup>exThd</sup> (Clemente, conforme Teódoto), Or (Orígenes), (sem *interpontuação* ou inserto, inseguro é testemunhado pelos papiros  $\phi^{66.75*}$  (texto original do manuscrito), pelos maiúsculos  $\aleph^*$  (texto original do manuscrito), A, B, Δ, Θ). Os primeiros manuscritos não tinham pontuação, mas os manuscritos posteriores colocavam a pontuação após “ὁ γέγονεν/foi feito”, não obstante, quanto à pontuação, depende das interpretações do texto com os quais os escribas estavam familiarizados, e não tem autoridade independente.<sup>16</sup> A maioria dos primeiros escritores, tanto ortodoxos quanto gnósticos, adotou a antiga alternativa; mas o uso da declaração pelos arianos e macedônios para provar com base nisso, de que o Espírito Santo foi um ser criado levou os ortodoxos a favorecer a segunda maneira de ler a frase.<sup>17</sup> A maioria dos modernos analisa o primeiro pretendido, com apoio no equilíbrio rítmico das cláusulas; o paralelismo de escada, característico dos vv.1-5, é então preservado.<sup>18</sup> O uso de “ὁ γέγονεν/foi feito” ligado ao v.4 deve ser aceita como a variante que mais se próxima de um possível texto original e a que é mais confiável, porque segundo os critérios externos, com o apoio de importantes manuscritos, incluindo um papiro, e o critério interno da “leitura difícilima” ser a preferível (*lectio difficillima*).<sup>19</sup>

O v.4 traz a substituição do verbo “ἦν/era”, imperfeito do indicativo ativo terceira pessoa singular de “εἶμι/ser/estar”, para o verbo “ἔστιν/é”, presente do indicativo ativo terceira pessoa singular igualmente de “εἶμι/ser/estar”, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos  $\aleph$ , D, por it (todos os manuscritos latinos antigos), pela vg<sup>miss</sup> (Vulgata, mais

<sup>16</sup> BERNARD, J. H., A critical and exegetical commentary on the Gospel according to St. John, p. 4; BEUTLER, J., Evangelho de João, p. 48; MORRIS, L., The Gospel according to John, p. 72; CARSON, D. A., The Gospel according to John, p. 137.

<sup>17</sup> BORCHERT, G. L., John 1–11, p. 107-108; HAENCHEN, E.; FUNK, R. W.; BUSSE, U., John, p. 113-114.

<sup>18</sup> MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 34-35; BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 2; OMANSON, R. L., Variantes textuais do Novo Testamento, p. 163; METZGER, B. M., A textual commentary on the Greek New Testament, p. 167.

<sup>19</sup> GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71; BEUTLER, J., Evangelho de João, p. 48.

de um manuscrito atesta essa variante), sa (versão copta saídica), por Ptol<sup>lr</sup> (Ptolomeu, segundo Irineu), Ir<sup>lat</sup> (Irineu, tradução latina), Cl<sup>pt</sup> (Clemente, cita o texto de maneira diferenciada no seu escrito), Or<sup>mss</sup> (Orígenes, mais de um manuscrito atesta essa variante), suprime a variante W<sup>s</sup> (leituras acrescentadas secundariamente a um manuscrito). É possível que os copistas, para diminuir a dificuldade semântica em colocar “ὁ γέγονεν/foi feito” como o sujeito do verbo “ἦν/era”, modificaram o verbo do imperfeito para o presente. No entanto, a repetição do verbo “ἦν/era”, no imperfeito, no v.4, faz com que obrigatoriamente o primeiro verbo esteja no imperfeito.<sup>20</sup> Sendo assim, os critérios externos atestam com mais peso a aceitação de “ἦν/era” do que “ἔστιν/é” devido à incompreensão do significado.<sup>21</sup> Por isto, concordamos que o texto grego apresentado na edição de NA<sup>28</sup> é o que mais se aproxima de um possível texto original.

O v.4 apresenta uma omissão das palavras “τῶν ἀνθρώπων/dos homens”, testemunhadas pelo manuscrito maiúsculo B\* (texto original do manuscrito). João fala sobre a vida que está em Jesus e também liga à luz de Cristo. É comum no Evangelho joanino perceber o uso da luz e vida ligadas a Jesus (Jo 8,12; 9,5; 12,36.46).<sup>22</sup> É evidente que João esteja afirmando sobre a Palavra e ela é vida e luz para os homens. Com isso, se aceitarmos a omissão de “τῶν ἀνθρώπων/dos homens”, a mensagem de João em todo o seu Evangelho ficaria sem sentido, visto que o v.4 é o início do desenvolvimento do ensino joanino de que Jesus é a vida e a luz.<sup>23</sup> Além disso, supõe-se que os demais manuscritos de peso e importância apoiam a permanência de “τῶν ἀνθρώπων/dos homens” como sendo a variante mais confiável e a que mais se aproxima de um possível texto original.

O v.6 traz a substituição da palavra “κυρίου/do Senhor”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo D\* (texto original do manuscrito). Provavelmente o copista preferiu recorrer ao uso do termo “κυρίου/do Senhor” ao invés de “θεοῦ/Deus”, mas o título “κύριος/Senhor” não aparece no inteiro prólogo de João, porém é muito usado em todo o seu Evangelho. Com o apoio dos critérios externos que apontam para o uso de “θεοῦ/Deus” em todos os manuscritos de peso e antiguidade, concordamos que o texto grego apresentado na edição de NA<sup>28</sup> é o que mais se aproxima de um possível texto grego original.<sup>24</sup>

O v.6 apresenta ainda outra que é a inserção do verbo “ἦν/era”, imperfeito do indicativo ativo terceira pessoa singular de “εἰμί/ser/estar”, testemunhada pelos manuscritos maiúsculos N\* (texto original do manuscrito), D\* (Claramontanus com uma leitura original de um manuscrito), W<sup>s</sup> (leituras acrescentadas secundariamente a um manuscrito), pela sy<sup>c</sup> (versão siríaca curetoniana) e por Ir lat (Irineu, tradução latina). O uso do verbo “ἦν/era” no imperfeito é muito comum em João, talvez, por isso, o copista

<sup>20</sup> OMANSON, R. L., Variantes textuais do Novo Testamento, p. 163; METZGER, B. M., A textual commentary on the Greek New Testament, p. 167.

<sup>21</sup> BERNARD, J. H., A critical and exegetical commentary on the Gospel according to St. John, p. 5; BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 2.

<sup>22</sup> MORRIS, L., The Gospel according to John, p. 74.

<sup>23</sup> MORRIS, L., The Gospel according to John, p. 74; FEUILLET, A., Le prologue du quatrième évangile, p. 48.

<sup>24</sup> GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71; BEUTLER, J., Evangelho de João, p. 48.

tenha acrescentado o verbo em seu escrito para concordar com o próprio uso de “ἤν/era” em quase todo o prólogo. Não obstante, nenhum outro manuscrito de peso e antiguidade traz o verbo “ἤν/era” em seus textos. Sendo assim, apoiando-se nos critérios externos e pelo critério interno de que “a leitura mais curta é a preferível” (*lectio brevior*),<sup>25</sup> concordamos que o texto grego apresentado na edição de NA<sup>28</sup> é o que mais se aproxima de um possível texto original.

O v.13 traz a omissão por parte da tradição do pronome relativo “οἷ/ος quais”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo D\* (*Claromontanus* com uma leitura original de um manuscrito). Poucos são os testemunhos externos que apoiam o singular, e isto implicaria dizer que o singular no v.13 apontaria à origem de Jesus,<sup>26</sup> e se referiria ao nascimento virginal a partir de Maria.<sup>27</sup> Mas, a maioria dos manuscritos gregos e latinos, incluindo os papiros ρ<sup>66</sup> e 75, conserva o relativo plural, “οῦ/ος quais”, para se referir aos que foram gerados pela vontade de Deus.<sup>28</sup> Portanto, com o peso avassalador das testemunhas externas para manter o plural “οῦ/ος quais”, concordamos que o texto grego apresentado na edição de NA<sup>28</sup> é o que mais se aproxima de um possível texto original.

O v. 13 apresenta mais uma variante que é a omissão da frase “οὐδὲ ἐκ θελήματος ἀνδρὸς/nem da vontade da carne”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo B\* (texto original do manuscrito). Segundo Metzger e OMANSON, a omissão de “οὐδὲ ἐκ θελήματος ἀνδρὸς/nem da vontade da carne” pode ter ocorrido porque as duas cláusulas, iniciais (“οὐδὲ... οὐδὲ/nem..., nem”) e finais (“σαρκὸς...ἀνδρὸς/carne...homem”), do v.13, são semelhantes, podendo ter causado um erro involuntário do copista.<sup>29</sup> Por isto, com o apoio dos critérios externos que apontam para a permanência de “οὐδὲ ἐκ θελήματος ἀνδρὸς/nem da vontade da carne” concordamos que o texto grego apresentado na edição de NA<sup>28</sup> é o que mais se aproxima de um possível texto original.

O v.15 traz a substituição da expressão “ὁ εἰπὼν/o que disse”, testemunhada pelos manuscritos maiúsculos κ<sup>1a</sup> (leitura do primeiro corretor), B\* (texto original do manuscrito) e C\* (texto original do manuscrito), Or (Orígenes) e o manuscrito maiúsculo Ν\* (texto original do manuscrito) suprime a variante. De acordo com Bernard, “a estranheza da construção é responsável pela leitura das variantes”.<sup>30</sup> Para ele, a variante “ὁ εἰπὼν/o que disse” é bem atestada, mas é melhor aceitar “ὄν εἰπὼν/dizendo” como o

---

<sup>25</sup> GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 220-221; WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento*, p. 71.

<sup>26</sup> OMANSON, R. L., *Variantes textuais do Novo Testamento*, p. 164; METZGER, B. M., *A textual commentary on the Greek New Testament*, p. 168-169; BEUTLER, J., *Evangelho de João*, p. 55;

<sup>27</sup> MORRIS, L., *The Gospel according to John*, p. 89; BEASLEY-MURRAY, G. R., *John*, p. 2; CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 138-139.

<sup>28</sup> OMANSON, R. L., *Variantes textuais do Novo Testamento*, p. 164; METZGER, B. M., *A textual commentary on the Greek New Testament*, p. 168-169; MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 36.

<sup>29</sup> OMANSON, R. L., *Variantes textuais do Novo Testamento*, p. 165; METZGER, B. M., *A textual commentary on the Greek New Testament*, p. 169.

<sup>30</sup> BERNARD, J. H., *A critical and exegetical commentary on the Gospel according to St. John*, p. 27.

texto mais confiável e o que mais se aproxima de um possível texto original.<sup>31</sup>

O v.16 traz a substituição da conjunção grega “καί/e”, testemunhada pelos manuscritos maiúsculos A, C<sup>3</sup> (leitura do terceiro corretor do uncial C), K, W<sup>s</sup> (leituras acrescidas secundariamente a um manuscrito), Γ, Δ, Θ, Ψ, palas famílias de minúsculos f<sup>1.13</sup>, pelos minúsculos 565, 700, 892, 1241, 1424, pelo ℳ (Texto Majoritário), por lat (os manuscritos latinos antigos e a Vulgata), sy (todos os manuscritos da versão siríaca) e bo<sup>ms</sup> (um manuscrito da versão copta boáirica). O texto de NA<sup>28</sup> (txt) preserva a estrutura da frase sem a substituição, testemunhada pelos papiros ρ<sup>66.75</sup>, pelos maiúsculos ℵ, B, C\* (texto original do manuscrito), D, L, pelos minúsculos 33,579, pelos lecionários l 844, l 2211, por it (todos os manuscritos latinos antigos), por co (todos os manuscritos da versão copta) e por Or (Orígenes). A substituição da conjunção grega “καί/e” é bem menos atestada do que “ὄτι/porque”, aceito pela edição da NA<sup>28</sup>. O “ὄτι... ὄτι/porque... porque” introduz os vv.16-17, sendo que o v.16 é um explicativo do v.14 e o v.17 elucida o v.16 mais adiante, e deve ser preferido em lugar da variante “καί/e”, que foi possivelmente inserido devido ao “καί/e” do início do prólogo e pode também ser devido aos escribas não perceberem que o v.15 é um parêntese.<sup>32</sup> Sendo assim, acordamos que o texto grego apresentado na edição de NA<sup>28</sup> é o que mais se aproxima de um possível texto original.

O v.18 apresenta uma substituição na expressão “ὁ μονογενῆς θεὸς/o unigênito Deus”, testemunhada pelo papiro ρ<sup>75</sup>, pelos manuscritos maiúsculos ℵ<sup>1</sup> (leitura do primeiro corretor), por Cl<sup>pt</sup> (Clemente, cita o texto de maneira diferenciada no seu escrito), por Cl<sup>exThd pt</sup> (Clemente, conforme Teódoto, Clemente, cita o texto de maneira diferenciada no seu escrito). Outra variante que parte da tradição propõe como substituição é “ὁ μονογενῆς υἱός/o unigênito Filho”, que é testemunhada pelos manuscritos maiúsculos A, C<sup>3</sup> (leitura do terceiro corretor), K, Γ, Δ, Θ, Ψ, palas famílias de minúsculos f<sup>1.13</sup>, pelos minúsculos 565, 579, 700, 892, 1241, 1424, pelo ℳ (Texto Majoritário), por lat (os manuscritos latinos antigos e a Vulgata), sy<sup>c</sup> (versão siríaca curetoniana e heracleana), por Cl<sup>pt</sup> (Clemente, cita o texto de maneira diferenciada no seu escrito), por Cl<sup>exThd pt</sup> (Clemente, conforme Teódoto, Clemente, cita o texto de maneira diferenciada no seu escrito). Uma outra possibilidade de substituição de variante é “εἶ μὴ ὁ μονογενῆς υἱός/se não o unigênito Filho”, que é testemunhada pelo manuscrito maiúsculo W<sup>s</sup> (leituras acrescidas secundariamente a um manuscrito), por it (todos os manuscritos latinos antigos), por Ir<sup>lat pt</sup> (Irineu, tradução latina, cita o texto de maneira diferenciada no seu escrito), tem pequenas variações ou alterações em relação à variante ou texto em apreço, por Ir<sup>lat pt</sup> (Irineu, tradução latina, cita o texto de maneira diferenciada no seu escrito), que acrescenta “θεοῦ/Deus”. O texto de NA<sup>28</sup> (txt) preserva a estrutura da frase sem a substituição, testemunhado pelo papiro ρ<sup>66</sup>, ℵ\* (texto original do manuscrito), B, C\* (texto original do manuscrito), L, por sy<sup>p.hmg</sup> (versão siríaca Peshita, leitura à margem da versão siríaca heracleana), por Or<sup>pt</sup> (Orígenes, cita o texto de maneira diferenciada no seu escrito), por Did (Dídimo de Alexandria). Tanto a variante “ὁ μονογενῆς θεὸς/o unigênito Deus”, com o artigo, quanto “μονογενῆς θεὸς/o unigênito Deus”, sem o artigo, são bem atestadas

<sup>31</sup> BERNARD, J. H., A critical and exegetical commentary on the Gospel according to St. John, p. 27.

<sup>32</sup> BERNARD, J. H., A critical and exegetical commentary on the Gospel according to St. John, p. 28; BROWN, R. E., The Gospel according to John (I–XII), p. 15.

pelos testemunhos externos. Já as variantes “ὁ μονογενῆς υἱός/*o unigênito Filho*” e “εἶ μὴ ὁ μονογενῆς υἱός/*se não o unigênito Filho*”, são secundárias e podem ser uma harmonização de Jo 3,16.181Jo 4,9.<sup>33</sup> Segundo a estrutura interna do texto, “μονογενῆς θεός/*o unigênito Deus*” está muito bem de acordo com “θεὸς ἦν ὁ λόγος/*o logos era Deus*”, do v.1, quase que indicando que o Logos é o “‘exegeta’ do Pai”.<sup>34</sup> Com isto, apoiando-se nos critérios externos e no critério interno de que “a leitura mais curta é a preferível” (*lectio brevior*),<sup>35</sup> concordamos que o texto grego apresentado na edição de NA<sup>28</sup> é o que mais se aproxima de um possível texto original.

## 2.2. Crítica textual de 1Jo 1,1-4

O v.2 apresenta uma inserção do pronome relativo “ὅ/*que*”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo B, pelo minúsculo 1175, por cv (Dialeto V). O uso de “ὅ/*que*” antes de “ἑωράκαμεν/*vimos*” forma um paralelo com “ὅ ἑωράκαμεν/*o que vimos*”, do v.3. De acordo com Smalley, “a construção paratática do grego é mais naturalmente interpretada se ἑωράκαμεν estiver conectado com a vida, como em nossa tradução, e não com o objeto de ἀπαγγέλλομεν ὑμῖν τὴν ζωὴν τὴν αἰώνιον/*a vós anunciamos a vida eterna*”.<sup>36</sup> Com isto, pronome relativo “ὅ/*que*” pode ser considerado secundário e o texto grego apresentado na edição de NA<sup>28</sup> deve ser aceito como o que mais se aproxima de um possível texto original.<sup>37</sup>

O v.3 traz a omissão da conjunção “καί/*e*”, testemunhada pelos manuscritos minúsculos 5, 307, 436, 642, 1175<sup>c</sup> (com correção efetuada pelo autor primário), 1243, 1448, 1611, 1735, 1852, 1881, 2492, por Byz (texto bizantino), por t (manuscritos latinos isolados), pela vg<sup>cl.wv</sup> (Vulgata, edição Clemente, Vulgata edição Wordsworth, White e outros), pela sy<sup>h</sup> (versões Siríaca Heracleana), pela sa<sup>mss</sup> (vários manuscritos da versão copta saídica). O texto de NA<sup>28</sup> (txt) preserva a estrutura da frase sem a omissão da conjunção “καί/*e*”, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos X, A, B, C, P, Ψ, pelos minúsculos 33, 81, 442, 1175\* (texto original do manuscrito), por z (manuscritos latinos isolados), pela vg<sup>st</sup> (Vulgata edição Stuttgartensis),<sup>38</sup> pela sy<sup>p.h\*\*</sup> (leituras variantes da versão siríaca Peshita e heracleana sinalizadas por asterisco no texto), pela sa<sup>mss</sup> (vários manuscritos da versão saídica). É possível que os copistas tenham cometido alguma

<sup>33</sup> MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 39; METZGER, B. M., A textual commentary on the Greek New Testament, p. 169 HAENCHEN, E.; FUNK, R. W.; BUSSE, U., John, p. 121-122; BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 3; CARSON, D. A., The Gospel according to John, p. 139; KEDDIE, G. J., A Study Commentary on John, p. 67; BROWN, R., E., The Gospel according to John (I–XII), p. 17.

<sup>34</sup> FEUILLET, A., Le prologue du quatrième évangile, p. 126.

<sup>35</sup> GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71; HAENCHEN, E.; FUNK, R. W.; BUSSE, U., John, p. 121-122.

<sup>36</sup> SMALLEY, S. S., 1, 2, 3 John, p. 3.

<sup>37</sup> GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71; HAENCHEN, E.; FUNK, R. W.; BUSSE, U., John, p. 121-122.

<sup>38</sup> WEBER, R.; GRYSOON, R. (eds.). Biblia Sacra Vulgata (2007).

alteração involuntária devido à repetição do “καί/ε”, que se repete cinco vezes no v.3.<sup>39</sup> Seguindo os critérios externos, a permanência do “καί/ε” é bem atestada por testemunhas gregas e latinas de peso e antiguidade. Sendo assim, concordamos que o texto grego apresentado na edição de NA<sup>28</sup> é o que mais se aproxima de um possível texto original.<sup>40</sup>

O v.4 oferece ainda a substituição do pronome pessoal “ὁμῖν/vos”, testemunhada pelos manuscritos maiúsculos A<sup>c</sup> (com uma correção efetuada pelo autor primário ou por autor posterior), C, pelos minúsculos 5, 81, 307, 436, 442, 642, 1175, 1243, 1448, 1611, 1735, 1739, 1852, 1881, 2344, por Byz (texto bizantino), pela vg (Vulgata), pela sa<sup>ms</sup> (um manuscrito da versão saídica), pela bo (versão copta boáirica), por cv (Dialeto V). O texto de NA<sup>28</sup> (txt) preserva a estrutura da frase sem a substituição do pronome pessoal “ὁμῖν/vos”, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos K, A\* (a leitura do manuscrito não é totalmente segura), B, P, Ψ, pelo minúsculo 33, por z\* (manuscritos latinos isolados), pela sa<sup>ms</sup> (vários manuscritos da versão copta saídica). Provavelmente os copistas fizeram uma troca do pronome pessoal “ἡμεῖς/nós”, que está no nominativo, caso que representa o sujeito, pelo pronome “ὁμῖν/vos” que está no caso dativo, que demonstra o objeto indireto, processo esse normal ao seguir o verbo “γράφομεν/escrevemos”.<sup>41</sup> A presente substituição pode ter ocorrido pelo uso do pronome “ὁμῖν/vos” antes do verbo “ἀπαγγέλλομεν/anunciamos”, dos vv.2-3.<sup>42</sup> Essa mudança sendo aceita muda a ênfase que há no v.1, pois, usando de forma enfática o “ἡμεῖς/nós”, o escritor joanino está demonstrando que ele não fala de si mesmo e em seu próprio nome, mas fala e escreve fundamentando-se na tradição da comunidade de fé.<sup>43</sup> Sendo assim, concordamos que o texto grego apresentado na edição de NA<sup>28</sup> é o que mais se aproxima de um possível texto original.<sup>44</sup>

O v.4 apresenta mais uma substituição do pronome pessoal “ὁμῶν/vossa”. A leitura é idêntica ao aparato crítico das Cartas Católicas, testemunhada pelos manuscritos maiúsculos A, C, P, pelos minúsculos 5, 33, 81, 307, 442, 642, 1243, 1448, 1611, 1735, 1739, 1852, 1881, por Byz<sup>pt</sup> (uma parte do texto bizantino), por t, pela vg<sup>cl</sup> (Vulgata, edição Clementina), pela sy<sup>h</sup> (versões Síriaca Heracleana), pela bo (versão copta boáirica), por cv (Dialeto V), por Aug (Agostinho). O texto de NA<sup>28</sup> (txt) preserva a estrutura da frase sem a substituição do pronome pessoal “ὁμῶν/vos”, testemunhada pelos manuscritos maiúsculos K, B, Ψ, pelos minúsculos 436, 1175, por Byz<sup>pt</sup> (uma parte do texto bizantino), por z (manuscritos latinos isolados), pela vg<sup>st</sup> (Vulgata edição Stuttgartensis, Vulgata

<sup>39</sup> GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 63.

<sup>40</sup> GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71.

<sup>41</sup> OMANSON, R. L., Variantes textuais do Novo Testamento, p. 523; METZGER, B. M., A textual commentary on the Greek New Testament, p. 639.

<sup>42</sup> OMANSON, R. L., Variantes textuais do Novo Testamento, p. 523; METZGER, B. M., A textual commentary on the Greek New Testament, p. 639.

<sup>43</sup> OMANSON, R. L., Variantes textuais do Novo Testamento, p. 523; METZGER, B. M., A textual commentary on the Greek New Testament, p. 639; STRECKER, G.; ATTRIDGE, H. W., The Johannine letters, p. 20; SMALLEY, S. S., 1, 2, 3 John, p. 3.

<sup>44</sup> GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71.

edição Wordsworth, White e outros), por *sy*<sup>p</sup> (versão siríaca Peshita), pela *sa* (versão copta saídica). É certo que a variante “ὁμῶν/vossa” é bem atestada por bons manuscritos, porém, há a possibilidade de os copistas terem sido influenciados pelo escrito de Jo 16,24: “ἴνα ἡ χαρὰ ὁμῶν ἧ πεπληρωμένη/para que a vossa alegria seja completa”, modificando o “ἡμῶν/nossa” por “ὁμῶν/vossa”, presente igualmente em Jo 15,11.<sup>45</sup> Os copistas também estavam esperando que o autor escrevesse “para que a vossa alegria seja completa” e não “para que a nossa alegria seja completa”.<sup>46</sup> As palavras “ἡμῶν/nossa” e “ὁμῶν/vossa” são escritas de maneiras idênticas no grego, e é fácil observar como a confusão pode ter acontecido.<sup>47</sup> As duas variantes fazem sentido no texto, no entanto, a identificação do autor da carta com seus leitores na questão de companheirismo sugere que uma alegria mútua entre ele e o nós da comunidade.<sup>48</sup> Desta forma, com o apoio da crítica externa, concordamos que o texto grego apresentado na edição de NA<sup>28</sup> é o que mais se aproxima de um possível texto original.

### 3. Gênero literário e estrutura de Jo 1,1-18 e 1Jo 1,1-4

#### 3.1. Gênero literário e estrutura de Jo 1,1-18

No que diz respeito ao gênero literário do prólogo de Jo 1,1-18, ele não pode ser considerado como um prólogo semelhante ao que pode ser visto em Lc 1,1-4 ou no prólogo de Eclesiástico. Ele tem mais aparência com um hino, hino poético, como os hinos cristológicos antigos da Igreja Primitiva (Fl 2,5-11; Cl 1,12-20; Ef 1,3-10),<sup>49</sup> tendo ainda, parentesco com o prólogo de 1Jo 1,1-4<sup>50</sup>. Aliás, existe um sentimento rítmico de linguagem entre os dois prólogos que é quase que impossível não ver um certo parentesco entre ambos,

<sup>45</sup> OMANSON, R. L., Variantes textuais do Novo Testamento, p. 523; METZGER, B. M., A textual commentary on the Greek New Testament, p. 639; SMALLEY, S. S., 1, 2, 3 John, p. 3-4.

<sup>46</sup> OMANSON, R. L., Variantes textuais do Novo Testamento, p. 523; METZGER, B. M., A textual commentary on the Greek New Testament, p. 639.

<sup>47</sup> SMALLEY, S. S., 1, 2, 3 John, p. 3-4; LIEU, J. M., Us or you? Persuasion and identity in 1 John, p. 809.

<sup>48</sup> SMALLEY, S. S., 1, 2, 3 John, p. 3-4; LIEU, J. M., Us or you? Persuasion and identity in 1 John, p. 809; SCHNACKENBURG, R., Cartas de San Juan, p. 107.

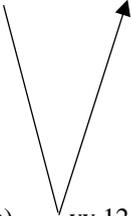
<sup>49</sup> FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos II, 275; BEUTLER, J., Evangelho de João, p. 42; BROWN, R. E., The Gospel according to John (I–XII), p. 20; BERNARD, J. H., A critical and exegetical commentary on the Gospel according to St. John, p. 1; HUGHES, R. K., John, p. 16; FEUILLET, A., Le prologue du quatrième évangile, p. 43; BARTOLOMÉ, J. J., Cuarto Evangelio. Cartas de Juan, p. 153.

<sup>50</sup> KONINGS, J., João, p. 101; MAZZAROLO, I., Evangelho de João, p. 63. Outros autores que concordam com uma estrutura em duas partes do prólogo de Jo 1,1-18 são: LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho Segundo João I, p. 44; BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 1205. Autores que estruturam o prólogo de Jo 1,1-18 em três partes: LANGE, J. P.; SCHAFF, P., John, p. 52; LENSKI, R. C. H., The interpretation of St. John’s gospel, p. 26; WESTCOTT, B. F.; WESTCOTT, A., (Orgs.). The Gospel according to St. John, p. 2; HARRINGTON, D. J., Editor’s Preface, p. 34; MOLONEY, F. J., Reading the Fourth Gospel, John 1–4, p. 26; BUTLER, J. G., John, p. 9; RUIZ, M. R., La cristología del prólogo de San Juan en la investigación joánica más reciente, p. 327-328.

pelo contrário, há como que “uma estreita relação” entre ambos.<sup>51</sup> Brant afirma que:

Os críticos têm procurado encaixar o prólogo em uma convenção judaica, com alguns argumentando ser um hino e outros que é uma homilia ou *midrash*, como que se fosse uma releitura de uma história bíblica fundamentada na tradição da sinagoga de exposição em uma passagem da Torá, neste caso, Gn 1,1.<sup>52</sup>

Segundo Konings, o prólogo de Jo 1,1-18 pode ser estruturado em duas partes, ou em dois painéis conectados pelos versículos centrais. Cada painel é anteposto pelo sujeito explícito “ὁ λόγος/*o verbo*”, nos vv.1 e 14. Os dois painéis apresentam de forma parenética o precursor de Cristo, João Batista, nos vv.6-8 e v.15,<sup>53</sup> da seguinte forma:<sup>54</sup>

<p>“1-5: a palavra (3x) está junto de Deus e é Deus, mediadora da criação, luz e vida do mundo 6-8: parêntese sobre o testemunho de João Batista à luz 9-11: vem como luz ao mundo, <u>rejeitada pelo mundo e pelos seus</u></p>	<p>Estrutura do Prólogo</p>  <p>(Dobradiça) vv.12-13: acolhida pelos “filhos de Deus”</p>	<p>16-18: superação da Lei pela graça e verdade em Jesus Cristo, Deus junto do Pai e manifestação do Deus invisível. 15: novo parêntese sobre o testemunho de João Batista 14: a Palavra torna-se carne, <u>mora no meio de nós</u> graça e verdade de Deus.”</p>
--	--	---

A beleza estrutural do prólogo de Jo 1,1-18 continua. Duas palavras parecem ter proeminência no v.1abc, e a segunda palavra reaparece em cada parte do v.1 como palavras-chave: “princípio/*logos*”, “*logos*/Deus”, “Deus/*logos*–ἀρχή/*λόγος*”, “*λόγος*/ὁ θεός”, “θεός/*λόγος*”. De forma sutil, o v.1 pode ter a estrutura quiástica a-b; b-c; c-b, oferecida pelo conceito do *Logos*. Os vv.9.12.14b formam, cada um, um acoplamento prolongado em duas linhas, expressando um único pensamento; ocasionalmente o segundo completa o significado do primeiro, nos vv.1.4.14a.16. No v.3, a segunda linha está em paralelo com a primeira, e os vv.5.10.11 estão em antítese em suas primeiras linhas.<sup>55</sup> Podemos perceber ainda, no que tange ao *logos*, que existe entre o v.1 e o v.14, um paralelismo antitético tríplice:<sup>56</sup>

<sup>51</sup> SCHNACKENBURG, R., Cartas de San Juan, p. 93.

<sup>52</sup> BRANT, J. A. A., John, p. 24.

<sup>53</sup> KONINGS, J., João, p. 102; ARAÚJO, G. L., Revisitando o Prólogo Joanino, p. 488.

<sup>54</sup> KONINGS, J., João, p. 102.

<sup>55</sup> HAENCHEN, E.; FUNK, R. W.; BUSSE, U., John, p. 110.

<sup>56</sup> LANGE, J. P.; SCHAFF, P., John, p. 71.

### O Logos

v.1 Estava no princípio	Estava
Deus	Carne
Com Deus	E habitou entre nós

Em seus primeiros cinco versículos, João usa uma forma de paralelismo de escada, apresentando um conceito no final de uma linha e retomando-o no início do próximo.<sup>57</sup> O modelo é quebrado nos vv.6-9, que estão em prosa. Porém, é retomado nos vv.10-11 e novamente no v.17. A arte literária é mais surpreendente nos vv.1-2, em que pode ser apresentado tanto como um paralelismo de escadaria quanto como um quiasmo.<sup>58</sup>

A ἐν ἀρχῇ/*No princípio*

B ἦν/*era*

C ὁ λόγος/*o logos*

D καὶ ὁ λόγος/*e o logos*

E ἦν/*estava*

F πρὸς τὸν θεόν/*junto a Deus*

F' καὶ θεός/*e Deus*

E' ἦν/*era*

D' ὁ λόγος/*o logos*

C' οὗτος/*ele*

B' ἦν/*estava*

A' ἐν ἀρχῇ πρὸς τὸν θεόν/*no princípio junto de Deus.*

A repetição, a ordem e o jogo de palavras nos vv.1-5 são o resultado de uma estrutura poética. Os vv.1-2 e 4-5 seguem uma estrutura de paralelismo de passo que pode ser constatado na poética hebraica e na retórica grega, o qual é denominado “ἀναδίπλωσις/*dobrando para trás*”, em que a palavra que termina uma cláusula é repetida no início do próximo segmento. Os vv.1-2 se unem em um paralelismo de passo; o v.3 forma um paralelismo positivo/negativo; os vv.4-5 se estruturam em mais um paralelismo de passo.<sup>59</sup> Nos vv.1-5 encontramos, ainda, paralelismos de passo: “princípio/*Logos*”, v.1a; “*Logos/Deus*”, v.1b; “*Deus/Logos*”, v.1c; “princípio/*Deus*”, v.2a; paralelismos positivos/negativos: “todas as coisas foram feitas/por meio dele”, v.3a; “nenhuma só coisa foi feita/sem ele”, v.3b; paralelismo de passo: “nele estava a vida”, v.4a; “vida/luz”, v.4b; “luz/escuridão”, v.5a; “escuridão/sem compreensão”,<sup>60</sup> indicando um contraste entre luz e

<sup>57</sup> KÖSTENBERGER, A. J., John, p. 20.

<sup>58</sup> BETANCORT, J. B., Notas sobre la Historia de la redacción y estructura del texto de Jn 1,1-18, p. 20; KÖSTENBERGER, A. J., John, p. 20; STALEY, J., The Structure of John's Prologue, p. 243.

<sup>59</sup> BRANT, J. A. A., John, p. 28.

<sup>60</sup> BRANT, J. A. A., John, p. 28.

trevas.<sup>61</sup>

É possível perceber na macroestrutura do prólogo de Jo 1,1-18 um grande quiasmo, em que a encarnação do *Logos* e o privilégio do se tornarem filhos de Deus no centro, emoldurado pelo testemunho de João Batista.<sup>62</sup> Segundo Köstenberger, o paralelo entre os vv.4-5 e o v.16 é conceitual, em vez de verbal, com “φῶς/luz e ζωή/vida” equivalentes à “πληρώματος/plenitude” e “χάρις/gracia”.<sup>63</sup> A equivalência dos vv.6-8 e o v.15, que trazem o personagem João Batista, é evidente. A encarnação do *Logos* é aludida nos vv.9-11 e no v.14,<sup>64</sup> indicando que o *Logos*, preexistente no seio do Pai, faz-se carne e vem morar entre os demais filhos do Pai.<sup>65</sup>

No centro do quiasmo, os vv.11b e 13 correspondem, como os vv.12a e 12c, deixando claro o v.12b como clímax: “ἔδωκεν αὐτοῖς ἐξουσίαν τέκνα θεοῦ γενέσθαι/*deulhes autoridade de se tornarem filhos de Deus*”.<sup>66</sup> Nos vv.10-11 tem-se uma demonstração de rejeição<sup>67</sup> tanto pelo mundo: “καὶ ὁ κόσμος αὐτὸν οὐκ ἔγνω/*e o mundo não o conheceu*”, enquanto próprio povo de Israel: “εἰς τὰ ἴδια ἦλθεν, καὶ οἱ ἴδιοι αὐτὸν οὐ παρέλαβον/*veio para o que era seu, e os seus não o receberam*”. Em Jo 1,12-13, o v.12 serve como o clímax de todo o prólogo e o verbo “ἔλαβον/*receberam*” está em paralelo com o verbo “πιστεύουσιν/*creram*”,<sup>68</sup> e o v.13 como um aditamento esclarecedor, atribuindo a todos aqueles que acreditam “τὸ ὄνομα αὐτοῦ/*em seu nome*” o direito de se tornarem filhos de Deus. Seguindo seu arranjo quiástico de apresentação, o prólogo retorna então ao testemunho de João Batista nos vv.15. O quiasmo chega à sua conclusão na unidade final do prólogo, nos vv.16-18, com o v.16 sendo correspondente aos vv.4-5, o v.17 ao v.3, e o v.18 aos vv.1-2.<sup>69</sup> Molony afirma que “o paralelismo sintético flui de forma bem diferente, de acordo com um sistema de a, b, c / a<sup>1</sup>, b<sup>1</sup>, c<sup>1</sup> / a<sup>2</sup>, b<sup>2</sup>, c<sup>2</sup>, e assim por diante”.<sup>70</sup>

A (vv. 1-5): A relação dos *Logos*/Palavra a Deus, à criação, aos seres humanos

B (vv. 6-8): A testemunha de João Batista

C (vv. 9-11): A vinda da Luz/*Logos* e sua rejeição

D (vv. 12-13): Os benefícios da crença nos *Logos*/Palavra

C' (v. 14): A vinda dos *Logos* e sua recepção

B' (v. 15): O testemunho de João Batista

<sup>61</sup> FEUILLET, A., Le prologue du quatrième évangile, p. 49; BARTOLOMÉ, J. J., Cuarto Evangelio. Cartas de Juan, p. 156-157.

<sup>62</sup> TALBERT, C. H., Reading John, p. 69-70; BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 4; FEUILLET, A., Le prologue du quatrième évangile, p. 54; BARTOLOMÉ, J. J., Cuarto Evangelio. Cartas de Juan, p. 158.

<sup>63</sup> KÖSTENBERGER, A. J., John, p. 21.

<sup>64</sup> KÖSTENBERGER, A. J., John, p. 21.

<sup>65</sup> FEUILLET, A., Le prologue du quatrième évangile, p. 95; BARTOLOMÉ, J. J., Cuarto Evangelio. Cartas de Juan, p. 161.

<sup>66</sup> KÖSTENBERGER, A. J., John, p. 21; CARSON, D. A., The Gospel according to John, p. 113.

<sup>67</sup> FEUILLET, A., Le prologue du quatrième évangile, p. 62.

<sup>68</sup> MOLONEY, F. J., Reading the Fourth Gospel, John 1-4, p. 38-39.

<sup>69</sup> KÖSTENBERGER, A. J., John, p. 22; CARSON, D. A., The Gospel according to John, p. 113.

<sup>70</sup> MOLONEY, F. J., Reading the Fourth Gospel, John 1-4, p. 25.

A' (vv. 16-18): A relação do *Logos*/Palavra com os humanos, com a recriação, com Deus.<sup>71</sup>

### 3.2. Gênero literário e estrutura de 1Jo 1,1-4

O gênero literário do prólogo de 1Jo 1,1-4 é “orações de benção”, em forma de *parádosis* da revelação, ao qual a estrutura revela Deus, Cristo, o apóstolo e a comunidade.<sup>72</sup> O prólogo de 1Jo 1,1-4 pode ser ainda, considerado como tendo o gênero literário “enunciados com eu”, na forma *apostolikon*, em que “o apóstolo dá o seu nome, explica sua função, resume sua mensagem e reproduz a sua autoimagem”.<sup>73</sup> O apostolado pode ser apresentado como vocação e como conversão; no caso descrito em 1Jo 1,1-4 é o apostolado como vocação, pois ele se caracteriza no fato de o autor ter sido testemunha ocular, tendo um contato real com o seu Senhor como é constatado neste prólogo.<sup>74</sup>

O prólogo de 1Jo 1,1-4 tem uma forma considerada um pouco “estranha”, devido à sua sintaxe complexiva e o seu sentido confuso.<sup>75</sup> Ele ainda traz os três temas mais importantes que serão desenvolvidos em toda primeira carta, a saber: “a vida em Cristo (1Jo 5,11-12. 20), a realidade histórica da revelação de Deus em Jesus Cristo (1Jo 4,2; 5,6) e a ideia de ‘ver’ em associação com testemunha (1Jo 4,14; 5,6-12)”.<sup>76</sup> O verbo principal, “ἀπαγγέλλομεν/ *anunciamos*”, somente aparece no v.3, enquanto o v.1 tem todas as suas cláusulas estruturadas com frases com pronomes relativos, mas está faltando seu predicado. O “περί/acerca” conectivo não pode ser facilmente encaixado na estrutura da frase, e o v.2, é um parêntese que traz uma explicação ao que é desde o princípio.<sup>77</sup> Segundo alguns comentadores, o texto de 1Jo 1,1-4 pode ser apresentado da seguinte forma “Anunciamos a vós outros, com respeito ao Verbo da vida, o que era desde o princípio, que temos visto, ouvido e apalpado, e os objetivos do nosso anúncio são, comunhão e alegria”.<sup>78</sup> Há ainda, a possibilidade que se estruturar o prólogo de 1Jo 1,1-4 na forma de um quiasmo, no padrão a-b / a'-b'.<sup>79</sup>

<sup>71</sup> KÖSTENBERGER, A. J., John, p. 22; TALBERT, C. H., Reading John, p. 70; HARRINGTON, D. J., Editor's Preface, p. 34; BRANT, J. A. A., John, p. 26; STALEY, J., The Structure of John's Prologue, p. 249; GIBLIN, C. H., Two complementary literary structures in John 1:1-18, p. 93; MCGRATH, J. F., Prologue as Legitimation, p. 103.

<sup>72</sup> BERGER, K., As Formas Literárias do Novo Testamento, p. 225.

<sup>73</sup> BERGER, K., As Formas Literárias do Novo Testamento, p. 244; SMALLEY, S. S., 1, 2, 3 John, p. 4; LANGE, J. P.; SCHAFF, P.; BRAIN, K.; MOMBERT, J. I., 1, 2, 3 John, p. 20.

<sup>74</sup> BERGER, K., As Formas Literárias do Novo Testamento, p. 244.

<sup>75</sup> STOTT, J. R. W., 1, 2 e 3 João, p. 50; BROWN, R. E., The Epistles of John, p. 152; MARSHALL, I. H., The Epistles of John, p. 99-100; BULTMANN, R. K., The Johannine epistles a commentary on the Johannine epistles, p. 7-8; STRECKER, G.; ATTRIDGE, H. W., The Johannine letters, p. 8; LANGE, J. P.; SCHAFF, P.; BRAIN, K.; MOMBERT, J. I., 1, 2, 3 John, p. 20; ALFORD, H., Alford's Greek Testament, p. 442.

<sup>76</sup> SMALLEY, S. S., 1, 2, 3 John, p. 4.

<sup>77</sup> STOTT, J. R. W., 1, 2 e 3 João, p. 50; BROWN, R. E., The Epistles of John, p. 152; MARSHALL, I. H., The Epistles of John, p. 99-100.

<sup>78</sup> STOTT, J. R. W., 1, 2 e 3 João, p. 50; MARSHALL, I. H., The Epistles of John, p. 99-100.

<sup>79</sup> BROWN, R. E., The Epistles of John, p. 153.

Em 1Jo 1,1-4, as quatro frases relativas são cumulativas. Os verbos ligados com o pronome relativo “ὃ ἦν/ο *que era*”, “ὃ ἀκηκόαμεν/ο *que ouvimos*”, “ὃ ἐώρακαμεν/ο *que vimos*” e “ὃ ἐθεασάμεθα/ο *que contemplamos*” servem para demonstrar que o clímax do prólogo é que cada verbo é menos expressivo do que aqueles que os procedem, porque ver é mais que ouvir, e contemplar é mais que ver.<sup>80</sup>

#### 4. A relação entre o prólogo de Jo 1,1-18 e o de 1Jo 1,1-4

O prólogo de 1Jo 1,1-4 já foi considerado uma reinterpretação do prólogo de Jo 1,1-18, devido à sua similaridade com o texto do IV Evangelho.<sup>81</sup> Ele foi escrito com o propósito de contestar os opositores que estão distorcendo o sentido do prólogo do Evangelho de João. Logo, o texto de 1Jo 1,1-4 é uma peça importante da primeira carta joanina, elaborada para refutar os mesmos adversários que estão desvirtuando o sentido da tradição joanina.<sup>82</sup> Segundo Bartolomé, vários são os pontos de contato entre os dois prólogos joaninos (Jo 1,1-18 e 1Jo 1,1-4), mas especialmente pelo vocabulário, pelo tom solene e pela temática.<sup>83</sup> Seguindo a estrutura de Brown, as relações formais entre ambos os prólogos são:<sup>84</sup>

	João 1,1-18		1 João 1,1-4(5)
1a	No princípio era o <i>Logos</i>	1a	O que era desde o princípio
1b	O <i>Logos</i> estava junto a Deus	2de	Vida eterna que estava na presença do Pai
4a	Nele (a Palavra) era a vida	1f	A palavra da vida
4b	Esta vida era a luz dos homens	5d	Deus é luz
5ab	A luz brilha na escuridão, pois a escuridão não a superou	5e	e nele não há escuridão em tudo
14a	A Palavra tornou-se carne	2a	Esta vida foi revelada
14b	e fez sua habitação entre nós	2f	e foi revelado para nós
14c	e nós olhamos para sua glória	1d	o que olhamos
16ab	De sua plenitude todos nós	3de	A comunhão que temos é com

<sup>80</sup> LENSKI, R. C. H., *The interpretation of the epistles of St. Peter, St. John and St. Jude*, p. 373.

<sup>81</sup> AKIN, D. L., 1, 2, 3 John, p. 50; RENSBERGER, D., *The Epistles of John*, p. 16.

<sup>82</sup> BROWN, R. E., *The Epistles of John*, p. 178.

<sup>83</sup> BARTOLOMÉ, J. J., *Cuarto Evangelio. Cartas de Juan*, p. 396.

<sup>84</sup> BROWN, R. E., *The Epistles of John*, p. 179; LANGE, J. P.; SCHAFF, P.; BRAIN, K; MOMBERT, J. I., 1, 2, 3 John, p. 20.

recebemos

- 17a através de Jesus Cristo o Pai e com Seu Filho,  
18b Deus, o único Filho Jesus Cristo

Nos dois prólogos é possível observar a temática da realidade divina que estava dentro ou desde o início. Em ambos os textos surge em parte o tema da vida; há nos dois prólogos interrupções que quebram as conexões gramaticais; o tema da testemunha ou do testemunho aparece somente nas interrupções; nos dois prólogos percebe-se a reação visual de um “nós”; por fim, ambos os prólogos demonstram uma participação com Deus influenciada pela manifestação da realidade divina.<sup>85</sup> É possível perceber em Jo 1,1 e 1Jo 1,2 a *deidade* de Jesus e também a sua *humanidade*. Ele é divino em todos os aspectos e não um qualificado do *Logos*; ele é, ainda, humano no mesmo sentido de sua divindade, e as Escrituras comprovam isto de maneira enfática.<sup>86</sup>

O prólogo de 1Jo 1,1-4 apresenta uma particularidade com a tradição, que é usual tanto para o autor da carta como para o leitor/ouvinte e demonstra um acordo teológico intrínseco no seio da comunidade joanina.<sup>87</sup> O texto de 1Jo 1,1-4 relembra bem de perto Jo 1,1-18, palavras-chave são utilizadas com um sentido diferente. A palavra “ἀρχή/*princípio*”, que aparece em Jo 1,1, seguindo Gn 1,1 (LXX). Em Gn 1,1, segundo a LXX,<sup>88</sup> “ἐν ἀρχῇ/*no princípio*”, demarca a ocasião em que o tempo começou para os feitos de criação que se seguiram; em Jo 1,1, o “ἐν ἀρχῇ/*no princípio*” aponta para o mesmo momento, porém, diz que já naquela época o *Logos* era, estava direcionada à criação, ao início do *cosmos*.<sup>89</sup> Segundo Butler, “no Evangelho de João, o período de tempo usado para falar de Cristo foi a eternidade, antes, não depois, o início, porque a ênfase era na *deidade* de Cristo”.<sup>90</sup> No entanto, em 1Jo 1,1, o mesmo termo traz o significado do tempo de Jesus e às origens da comunidade joanina.<sup>91</sup> Boring afirma que “não existem sinais de dependência literária direta sobre o Evangelho escrito de João. Assim, a Primeira Carta de João e o Evangelho extraem da comum tradição joanina e a formulam em suas próprias maneiras”.<sup>92</sup>

A expressão “ἀπ’ ἀρχῆς/*desde o princípio*”, de 1Jo 1,1, não é igual a “ἐν ἀρχῇ/*no*

<sup>85</sup> BROWN, R. E., *The Epistles of John*, p. 179; BARTOLOMÉ, J. J., *Cuarto Evangelio. Cartas de Juan*, p. 398.

<sup>86</sup> NICHOL, F. D., (Org.). *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, p. 901.

<sup>87</sup> BORING, M. E., *Introdução ao Novo Testamento*, p. 1177; SMITH, D. M., *First, Second, and Third John*, p. 35.

<sup>88</sup> RAHLFS, A.; HANHART, R. (eds.), *Septuaginta* (2006).

<sup>89</sup> LENSKI, R. C. H., *The interpretation of the epistles of St. Peter, St. John and St. Jude*, p. 371; RUIZ, M. R., *La cristología del prólogo de San Juan en la investigación joánica más reciente*, p. 329.

<sup>90</sup> BUTLER, J. G., 1, 2, 3 *John & Jude*, p. 275.

<sup>91</sup> BORING, M. E., *Introdução ao Novo Testamento*, p. 1177; STRECKER, G.; ATTRIDGE, H. W., *The Johannine letters*, p. 9.

<sup>92</sup> BORING, M. E., *Introdução ao Novo Testamento*, p. 1177.

*princípio*”, de Jo 1,1. No IV Evangelho, o autor descreve e considera a existência do *Logos* com o Pai antes da Criação,<sup>93</sup> e passa a denotar sua agência na criação; mas aqui, o apóstolo sai da existência do *Logos* para suas manifestações na história humana.<sup>94</sup> Ele estava, portanto, antes de o mundo existir; Ele foi, antes de Ele surgir na história, quando de sua encarnação.<sup>95</sup> O autor joanino se volta para trás de sua experiência pessoal para a eternidade, de onde Ele veio; sua perspectiva abarca milhares de anos do início ao tempo de sua experiência pessoal.<sup>96</sup> Aliás, “no prólogo, o uso do imperfeito do verbo ‘ser’ exprime claramente a existência: existir desde o início é existir de forma absoluta, desde sempre”.<sup>97</sup>

*O Logos* é o referencial tanto de “ἐν ἀρχῇ/*no princípio*” quanto de “ἀπ’ ἀρχῆς/*desde o princípio*”, mesmo que este último não traga o termo *Logos*, mas o autor da Primeira Carta joanina afirma que “ὁ ἑώρακαμεν τοῖς ὀφθαλμοῖς ἡμῶν/*o que vimos com os nossos olhos*” demonstra uma experiência real, que vai sendo enfatizado pelo fato de o autor ter tocado com as mãos. Para Marshal, essas exposições de algo percebido pelos sentidos “significam que o escritor não pode estar pensando apenas em uma mensagem ouvida. Ele deve estar pensando no aparecimento da ‘Palavra’ descrita em Jo 1,1-18 que foi feita carne como Jesus Cristo”.<sup>98</sup>

As expressões gregas “πρὸς τὸν θεόν/*junto a Deus*”, de Jo 1,1-2, e “εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς/*no seio do Pai*”, de 1,18, relacionam-se com a construção grega “πρὸς τὸν πατέρα/*junto do Pai*”, em 1 Jo 1,2. Há duas possibilidades de tradução para os termos acima mencionados: a primeira possibilidade de tradução é “com Deus”, com um sentido de acompanhamento; a segunda é “para Deus”, trazendo o significado de relacionamento.<sup>99</sup> O v.18 traz “εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς/*no seio do Pai*”, faz uma inclusão com o v.1 e pode ser traduzido como “sempre ao lado do Pai”. Pode ser feito uma inclusão de 1Jo 1,2, que tem a leitura “πρὸς τὸν πατέρα/*junto do Pai*”, em que a vida eterna está ligada. Como o tema da vida é o que aparece em 1Jo 1,2, a comunhão e não o relacionamento é que está em evidência.<sup>100</sup> A frase “πρὸς τὸν θεόν/*junto a Deus*” não pode ser lida somente com o sentido de que o *Logos* estava na presença de Deus, mas que existe uma correlação interativa entre o *Logos* e Deus.<sup>101</sup> 1Jo 1,2 oferece uma sentença como Jo 1,1-2, em que o Pai é revelado na terra através do Filho, que é a vida

<sup>93</sup> FEUILLET, A., Le prologue du quatrième évangile, p. 37; WARDISON, A; TEIXEIRA, C; JESUS, J. P. T. O Prólogo de João, p. 36.

<sup>94</sup> AGUIAR, A. T., O gênesis, o logos e os prólogos: linguagem criacionista no Evangelho e na Primeira Carta de João, p. 134.

<sup>95</sup> LANGE, J. P.; SCHAFF, P.; BRAIN, K.; MOMBERT, J. I., 1, 2, 3 John, p. 21; GUNDRY, R. H., Commentary on the New Testament, p. 968.

<sup>96</sup> LANGE, J. P.; SCHAFF, P.; BRAIN, K.; MOMBERT, J. I., 1, 2, 3 John, p. 21; MARSHALL, I. H., The Epistles of John, p. 101.

<sup>97</sup> FEUILLET, A., Le prologue du quatrième évangile, p. 32.

<sup>98</sup> MARSHALL, I. H., The Epistles of John, p. 101.

<sup>99</sup> BROWN, R. E., The Gospel according to John (I–XII), p. 5; BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 10; AGUIAR, A. T., O gênesis, o logos e os prólogos: linguagem criacionista no Evangelho e na Primeira Carta de João, p. 137.

<sup>100</sup> BROWN, R. E., The Gospel according to John (I–XII), p. 5.

<sup>101</sup> BORCHERT, G. L., John 1–11, p. 103; WESTCOTT, B. F.; WESTCOTT, A., (Orgs.). The Gospel according to St. John, p. 3; BARTOLOMÉ, J. J., Cuarto Evangelio. Cartas de Juan, p. 155.

eterna. O autor joanino usou a relação entre o Pai e o Filho para demonstrar a comunhão do fiel com o Pai e com o Filho.<sup>102</sup>

A construção frasal “λόγου τῆς ζωῆς/*Palavra da vida*” pode ser entendida como a mensagem anunciada que comunica vida aos homens. Essa mensagem, então, seria uma descrição da pregação cristã transmitida pelo escritor joanino e pela comunidade de fiéis.<sup>103</sup> A “Palavra da vida” e a “vida eterna” de 1Jo 1,1-2 é similar a Jo 1,4.14,<sup>104</sup> que aponta para o *Logos*, em quem “ζωῆ ἦν/*estava a vida*”. Isto pode ser corroborado pelos textos de Jo 11,25 e Jo 14,6, em que Jesus é descrito como a vida.<sup>105</sup> Portanto, a vida à qual testemunha o autor joanino e os discípulos foi revelada por Deus na encarnação de Jesus Cristo e a linguagem usada em 1Jo 1,1-2 é a mesma que está presente no prólogo de Jo 1,4.14<sup>106</sup>.

Tanto no prólogo de Jo 1,1-18 como em 1Jo 1,1-4, o “ἡμεῖς/*nós*” eclesial é empregado em dois sentidos. O primeiro sentido tem a ver com a inclusão de toda comunidade joanina e a comunidade universal de salvos. Essa ideia contrasta com o “eles”, os não crentes, os afastados que abandonaram a comunidade, e constitui, o limite entre a Igreja e o Mundo. O segundo sentido, do “ἡμεῖς/*nós*” eclesial, equivale à comunidade joanina, ou seja, os que estão na comunidade, os mestres e portadores da tradição no grupo mais amplo.<sup>107</sup> É este segundo sentido que 1Jo 1,1-4 traz: “os mestres desejam instruir a comunidade de modo que os leitores possam ter comunhão/*koinonia* com os mestres pela apropriação e compartilhamento da mesma tradição”.<sup>108</sup> Assim sendo, é certo afirmar que em ambos os casos do uso do “ἡμεῖς/*nós*” eclesial não é apenas uma nota editorial e nem se refere à humanidade, mas à marca de um grupo de verdade, as testemunhas apostólicas.<sup>109</sup> O “ἡμεῖς/*nós*” da comunidade de fé aparece tanto em Jo 1,14.16 quanto em 1Jo 1,3.4, “unindo autores e leitores com a comunidade original de fé da primeira geração e com cristãos leitores de todas as gerações”.<sup>110</sup>

Nos dois prólogos, Jo 1,1-18 e 1Jo 1,1-4, há uma comunidade de fé que confessa sua fidelidade e cristologia, e isto está explícito no “ἡμεῖς/*nós*” de Jo 1,14.16 e no “ὅμοιοι/*vós*” de 1Jo 1,3, que é bem usual nos escritos joaninos. Esta comunidade joanina é o que é “porque viram sua glória, receberam de sua graça, acreditaram em seu nome e receberam poder para se

<sup>102</sup> BORCHERT, G. L., John 1–11, p. 103; KEDDIE, G. J., A Study Commentary on John, p. 32.

<sup>103</sup> MARSHALL, I. H., The Epistles of John, p. 103.

<sup>104</sup> SCHNACKENBURG, R., Cartas de San Juan, p. 103.

<sup>105</sup> SMITH, D. M., First, Second, and Third John, p. 36; RENSBERGER, D., The Epistles of John, p. 16; ROBERTSON, A. T., Juan, p. 687.

<sup>106</sup> MARSHALL, I. H., The Epistles of John, p. 103; SMALLEY, S. S., 1, 2, 3 John, p. 5; AKIN, D. L., 1, 2, 3 John, p. 50; JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R.; BROWN, D. Comentario exegético y explicativo de la Biblia, p. 174.

<sup>107</sup> BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 1177; BULTMANN, R. K., The Johannine epistles a commentary on the Johannine epistles, p. 9.

<sup>108</sup> TALBERT, C. H., Reading John, p. 81.

<sup>109</sup> BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 1177; BROWN, R. E., The Gospel according to John (I–XII), p. 13,34; TALBERT, C. H., Reading John, p. 81; BULTMANN, R. K., The Johannine epistles a commentary on the Johannine epistles, p. 9; GUNDRY, R. H., Commentary on the New Testament, p. 968.

<sup>110</sup> BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 1205.

tornarem filhos de Deus por um novo nascimento.<sup>111</sup>

Em Jo 1,18, o escritor demonstra o seu motivo para anunciar Jesus como “o *Logos*”, pois ele veio para revelar o Pai. Para referir-se a Cristo, o termo *Logos* é apenas encontrado em Jo 1,1,14; 1Jo 1,1; Ap 19,13, abrangendo toda obra e ministério do Senhor Jesus e bem como demonstrar “a expressão encarnada da vontade do Pai de que todos os homens devam ser salvos”.<sup>112</sup> Os dois prólogos de João, Evangelho e Primeira Carta, ao apresentarem o homem Jesus como o Deus encarnado trouxeram uma experiência do autor joanino com o *Logos* em 1Jo 1,1-3, semelhante à revelação de Jesus Cristo em Ap 1,1, que apresenta o *Logos* encarnado.<sup>113</sup>

O evangelista João, ao afirmar “ἐθεασάμεθα τὴν δόξαν αὐτοῦ/*contemplamos a sua glória*”, no v.14, e o “ἐθεασάμεθα/*contemplamos*” e “μαρτυροῦμεν/*testemunhamos*”, de 1Jo 1,1-2, demonstra que João e os discípulos testificavam o fato histórico da presença real de Cristo em meio a seu povo,<sup>114</sup> bem como estavam lembrando a experiência com o Jesus da transfiguração, em que o mestre revelou a sua divindade momentânea por meio de sua humanidade, e o apóstolo Pedro corroborou com o testemunho ocular da glória do Filho do homem visto por João (2Pe 1,16-18).<sup>115</sup> Há comentaristas que afirmam que estes textos se referem ao ver o Cristo ressuscitado, no entanto, isso seria uma questão muito abrupta.<sup>116</sup> O verbo “θεάομαι/*observar, contemplar, ver*”, não é, em hipótese alguma, usado no Novo Testamento para visão espiritual, isso serve também para Jo 1,14 e 1Jo 1,1-2, em que não existe uma percepção sobrenatural ou mística, o que eles têm em comum é que realmente o autor joanino contemplou a glória do *Logos* encarnado, confirmado pelo fato do verbo está no aoristo, que demonstra um momento definitivo no passado histórico.<sup>117</sup>

## Conclusão

Os escritos joaninos não apenas apresentam a divindade de Jesus, daquele que “ἐν ἀρχῇ ἦν/*existia no princípio*” (Jo 1,1) e que “ἦν ἀπ’ ἀρχῆς/*era desde o princípio*” (1Jo 1,1), mas também revelam um Jesus humano, que se encarnou e habitou entre nós: “Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν/*E o logos se fez carne e fez morada entre nós*” (Jo 1,14). Os sinais (milagres) por ele realizados são o testemunho vivo de que o divino esteve no mundo e nesse mesmo contexto destaca-se a humanidade de Jesus, cuja glória já contemplamos (Jo 1,14). É claro que o Jesus joanino é intrinsecamente divino e humano

<sup>111</sup> TALBERT, C. H., Reading John, p. 81; BERNARD, J. H., A critical and exegetical commentary on the Gospel according to St. John, p. 22.

<sup>112</sup> NICHOL, F. D., (Org.) The Seventh-day Adventist Bible Commentary, p. 897; KEDDIE, G. J., A Study Commentary on John, p. 31; KÖSTENBERGER, A. J., John, p. 26; CARSON, D. A., The Gospel according to John, p. 135; LANGE, J. P.; SCHAFF, P., John, p. 51.

<sup>113</sup> NICHOL, F. D., (Org.) The Seventh-day Adventist Bible Commentary, p. 898.

<sup>114</sup> BARTOLOMÉ, J. J., Cuarto Evangelio. Cartas de Juan, p. 163.

<sup>115</sup> NICHOL, F. D., (Org.) The Seventh-day Adventist Bible Commentary, p. 902; LANGE, J. P.; SCHAFF, P., John, p. 73; ROBERTSON, A. T. Juan, p. 687.

<sup>116</sup> BROWN, R. E., The Gospel according to John (I–XII), p. 13.

<sup>117</sup> BERNARD, J. H., A critical and exegetical commentary on the Gospel according to St. John, p. 21; MURPHY, A. G., Re-reading the Johannine prologue, p. 320.

ao mesmo tempo, como o é para os Sinóticos, para Paulo e os demais escritos do NT.

Ambos os prólogos, de Jo 1,1-18 e de 1Jo 1,1-4, preocuparam-se em transmitir o *Logos* que estava com o Pai e as expressões “ἀπ’ ἀρχῆς/*desde o princípio*” e “ἐν ἀρχῇ/*no princípio*” podem até ser consideradas neles uma diferença de entendimento, mas, apesar de algumas variações na forma e no que está sendo dito, não há sinais de contradição entre os escritos joaninos.

Nos dois prólogos, foi possível observar que por detrás dos escritos joaninos há uma comunidade representada pelos pronomes pessoais “ἡμεῖς/*nós*” e “ὁμεῖς/*vós*”, em que a mensagem, o *Logos* da Vida, é contemplada, tocada, sentida e transmitida pelos que com os sentidos tiveram a experiência do Jesus encarnado e que agora é aceito pelo grupo de fiéis que, com o “nós”, tem a experiência com o Cristo glorificado, que sustentará a comunhão do “ἡμεῖς/*nós*” eclesial, os apóstolos e as testemunhas proclamadoras, e com o “ὁμεῖς/*vós*”, cristãos discípulos, que culminará com a comunhão do Pai com o Filho.<sup>118</sup>

Portanto, são de fundamental importância as buscas e pesquisas por uma análise dos prólogos joaninos (Evangelho e Primeira Carta), que ajude a comunidade de fiéis dos tempos modernos a crescer na fé e caminhar segundo o projeto do Pai, revelado e vivido por seu *Logos*, segundo os dois prólogos. Mais ainda, que esse trabalho possa ajudar em novas e futuras pesquisas, ajudando no campo exegético-teológico-pastoral.

## Referências Bibliográficas

AGUIAR, A. T. O Gênesis, o logos e os prólogos: linguagem criacionista no Evangelho e na Primeira Carta de João. **Práxis Teológica**, v. 1, 2011, p. 131-144.

AKIN, D. L. **1, 2, 3 John**, Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2001. (Volume 38)

ALFORD, H. **Alford’s Greek Testament: an exegetical and critical commentary**, v. 4. Bellingham: Logos Bible Software, 2010.

ARAÚJO, G. L. Revisitando o Prólogo Joanino. **Pistis & Praxis**, v. 12, n.2, mai./ago, 2020, p. 487-504.

BARTOLOMÉ, J. J. **Cuarto Evangelio. Cartas de Juan**. Madrid: CCS, 2002.

BEASLEY-MURRAY, G. R. **John**, v. 36. Dallas: Word, Incorporated, 2002.

BERGER, K. **As Formas Literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998.

BERNARD, J. H. **A critical and exegetical commentary on the Gospel according to St. John**. (MCNEILE, A. H. Org.), v. 1. New York: C. Scribner’ Sons, 1929, p. 1-33.

BETANCORT, J. B. Notas sobre la Historia de la redacción y estructura del texto de Jn 1,1-18. (I) **Fortunatae**, 1992, p. 11-40.

BEUTLER, J. **Evangelho de João**. São Paulo: Loyola, 2015.

BLANEY, H. J. S. A primeira Epístola de João. In: TAYLOR, Richard. S. et al. **Hebrews-**

<sup>118</sup> BARTOLOMÉ, J. J., Cuarto Evangelio. Cartas de Juan, p. 399.

- Apocalipse** Comentário Bíblico Beacon. v. 7. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 287-331.
- BORCHERT, G. L. **John 1–11**, v. 25A. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1996.
- BORING, M. E. **Introdução ao Novo Testamento**. História, literatura e teologia, cartas católicas, Sinóticos e escritos joaninos. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2016.
- BRANT, J. A. A. **John**. Grand Rapids: Baker Academic, 2011.
- BROWN, R. E. **The Epistles of John**: translated, with introduction, notes, and commentary v. 30. New Have: Yale University Press, 2008.
- BROWN, R. E. **The Gospel according to John (I–XII)**: Introduction, translation, and notes, v. 29. London: Yale University Press, 2008.
- BULTMANN, R. K. **The Johannine epistles a commentary on the Johannine epistles**. Philadelphia: Fortress Press, 1973.
- BUTLER, J. G. **1, 2, 3 John & Jude**: Analytical Bible Expositor. Clinton: LBC Publications, 2010.
- BUTLER, J. G. **John**: Analytical Bible Expositor. Clinton: LBC Publications, 2009.
- CARSON, D. A. **The Gospel according to John**. Leicester, England; Grand Rapids, MI: Inter-Varsity Press; W.B. Eerdmans, 1991.
- DEBRUNNER, A. λόγος. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, v. 4, 1964, p. 73–75.
- DERICKSON, G. W. What is the message of 1 John? **Bibliotheca Sacra**, v. 150, p. 39.105, 1993.
- FABRIS, R; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos II**. São Paulo: Loyola, 1992.
- FEUILLET, A. **Le prologue du quatrième évangile**. Paris: Desclée De Brouwer, 1968.
- GIBLIN, C. H. Two complementary literary structures in John 1:1-18. **Journal of Biblical Literature**, v.104, n. 1, 1985, p. 87-103.
- GONZAGA, W. A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento. **Perspectiva Teológica**, v. 52, p. 681-704, 2021.
- GONZAGA, W. “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”. In: MAZZAROLO, I; FERNANDES, L. A; LIMA, M. L. C. (Orgs.). **Exegese, teologia e pastoral: relações, tensões e desafios**. Santo André: Academia Cristã; Rio de Janeiro: PUC-Rio, p. 201-235, 2015.
- GUNDRY, R. H. **Commentary on the New Testament**: Verse-by-Verse Explanations with a Literal Translation. Peabody: Hendrickson Publishers, 2010.
- HAENCHEN, E.; FUNK, R. W; BUSSE, U. **John**: a commentary on the Gospel of John.

Philadelphia: Fortress Press, 1984.

HARRINGTON, D. J. Editor's Preface. In: HARRINGTON, D. J. (Org.), **The Gospel of John** v. 4, Collegetown: The Liturgical Press, p. 33-48, 1998.

HUGHES, R. K. **John**: that you may believe. Wheaton: Crossway Books, 1999.

JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R.; BROWN, D. **Comentario exegético y explicativo de la Biblia** - tomo 2. El Nuevo Testamento. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, p. 174–176, 2002.

KEDDIE, G. J. **A Study Commentary on John**: John 1–12, v. 1. Darlington: Evangelical Press, 2001.

KONINGS, J. **João**. Comentário bíblico latino-americano Novo Testamento. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

KÖSTENBERGER, A. J. **John**. Grand Rapids: Baker Academic, 2004.

LANGE, J. P.; SCHAFF, P. **John**. A commentary on the Holy Scriptures. Bellingham: Logos Bible Software, 2008.

LANGE, J. P.; SCHAFF, P.; BRAIN, K.; MOMBERT, J. I. **1, 2, 3 John**. A commentary on the Holy Scriptures. Bellingham: Logos Bible Software, 2008.

LENSKI, R. C. H. **The interpretation of St. John's gospel**. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1961.

LENSKI, R. C. H. **The interpretation of the epistles of St. Peter, St. John and St. Jude**. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1966.

LÉON-DUFOUR, X. **Leitura do Evangelho Segundo João I**. São Paulo: Loyola, 1996.

LIEU, J. M. Us or you? Persuasion and identity in 1 John. **Journal of biblical literature**, v. 127, n. 4, p. 805-819, 2008.

MATEOS, J.; BARRETO, J. **O Evangelho de São João**. Grande comentário bíblico. São Paulo: Paulus, 1999.

MARSHALL, I. H. **The Epistles of John**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1978.

MAZZAROLO, I. **Evangelho de João**. “Nem aqui, nem em Jerusalém”. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2005.

MCGRATH, J. F. Prologue as Legitimation: Christological Controversy and the Interpretation of John 1: 1-18. **Irish biblical studies**, v. 19, n. 98, p. 98-120, 1997.

METZGER, B. M. **A textual commentary on the Greek New Testament**. 2a ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

MOLONEY, F. J. **Reading the Fourth Gospel, John 1–4**: Belief in the Word. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

MORRIS, L. **The Gospel according to John**. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co, 1995.

MURPHY, A. G. Re-reading the Johannine prologue. **Pro Ecclesia**, v.14, n. 3, p. 306-323, 2005.

NESTLE-ALAND (eds.), **Novum Testamentum Graece**. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

NICHOL, F. D. (Org.). **The Seventh-day Adventist Bible Commentary**, v. 5. Review and Herald Publishing Association, 1980.

OMANSON, R. L. **Variantes Textuais do Novo Testamento: Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”**. São Paulo: SBB, 2010.

RAHLFS, A.; HANHART, R. (eds.). **Septuaginta**. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

RENSBERGER, D. **The Epistles of John**. (MILLER, P. D. BARTLETT, D. L. Orgs.). Louisville; London; Leiden: Westminster John Knox Press, 2001.

ROBERTSON, A. T. **Juan**. Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento. Barcelona: Editorial Clie, p. 185-269, 2003.

RUIZ, M. R. La cristología del prólogo de San Juan en la investigación joánica más reciente. **Fortvnatae**, n. 28, p. 315-351, 2017-2018.

SCHNACKENBURG, R. **Cartas de San Juan**. Versión, introducción y comentario. Barcelona: Herder, 1980.

SCHNELLE, U. **Introdução à Exegese do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2004.

SMALLEY, S. S. **1, 2, 3 John**, v. 51. Dallas: Word, Incorporated, 1989.

SMITH, D. M. **First, Second, and Third John**. Louisville: John Knox Press, 1991.

STALEY, J. The Structure of John's Prologue. **The Catholic Biblical Quarterly**, v. 48, p. 241-266, 1986.

STOTT, J. R. W. **1, 2 e 3 João**. Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1982.

STRECKER, G.; ATTRIDGE, H. W. **The Johannine letters: a commentary on 1, 2, and 3 John**. Minneapolis: Fortress Press, 1996.

TALBERT, C. H. **Reading John: a literary and theological commentary on the Fourth Gospel and the Johannine Epistles**. Macon: Smyth & Helwys Publishing, 2005.

VIELHAUER, P. **História da Literatura Cristã Primitiva**. Santo André: Academia Cristã, 2015.

WARDISON, A; TEIXEIRA, C; JESUS, J. P. T. O Prólogo de João: atributos conferidos ao Logos. **Revista de Cultura Teológica**. v. 19, n. 74, p. 31-49, abr./jun., 2011.

WEBER, R.; GRYSO, R. (eds.). **Biblia Sacra Vulgata**. Iuxta Vulgatam Versionem.

Editio Quinta. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007.

WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.

WESTCOTT, B. F; WESTCOTT, A. (Orgs.). **The Gospel according to St. John**. Introduction and notes on the Authorized version. London: J. Murray, 1908.

***Waldecir Gonzaga***

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália) e Pós-Doutorado pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil). Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio.  
Rio de Janeiro / RJ – Brasil  
Email: waldecir@hotmail.com

***Adalberto do Carmo Telles***

Doutorando e Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro / RJ – Brasil  
Email: adalbertotelles088@gmail.com

Recebido em: 18/02/2023

Aprovado em: 02/08/2023